

DOSSIÊ LETRAS 50 ANOS

OS MEUS PAIS E UM CERTO ACASO

MY PARENTS AND A CERTAIN CHANCE

DOI: 10.18616/lendu.v8i2.9439

Ana Cláudia de Souza¹
anacs3@gmail.com

Chega mais perto e contempla as palavras.
Cada uma tem mil faces secretas sob a face neutra
e te pergunta, sem interesse pela resposta,
pobre ou terrível que lhe deres:
Trouxeste a chave?

(Carlos Drummond de Andrade, “Procura da poesia”, 1945).

RESUMO

Este é um texto de memórias relativas ao curso de Letras da Universidade do Extremo Sul Catarinense. É sobre o meu curso de Letras e sobre como me formei professora e pesquisadora na experiência de estudante e docente do curso, uma experiência perpassada por teoria, prática de análise linguística e pela interação com os meus professores, colegas de classe, alunos e com aqueles que se tornaram meus colegas de profissão e amigos na instituição. É também um texto sobre a Teoria Construtural e sobre o professor Eurico Back, tão importantes na minha formação para a docência e para a pesquisa linguística. Palavras-chave: memórias; histórias, formação para a docência; curso de Letras Unesc.

PALAVRAS-CHAVE: Memórias; Formação para a Docência; Teoria Construtural.

ABSTRACT

This is a memoir about my degree in Letters at the Universidade do Extremo Sul Catarinense. It is about my formal education to be a teacher and how I became a professor and researcher through my experience as a student and professor on the course, an experience permeated by theory, the practice of linguistic analysis, and interaction with my professors, classmates, students, and those who became my professional colleagues and friends at the institution. It is also a text about the Constructural Theory and professor Eurico Back, central to my training to become a teacher and a linguistic researcher.

Keywords: memories, stories, teaching training, Unesc Letters Course.

KEYWORDS: Memories; Teacher Education; Constructural Theory.

¹ Doutora em Linguística, área de concentração Psicolinguística. Professora titular da Universidade Federal de Santa Catarina, vinculada ao Departamento de Metodologia de Ensino e ao Programa de Pós-Graduação em Linguística. Professora do Curso de Letras. Professora voluntária do doutorado do Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal da Fronteira Sul. <https://orcid.org/0000-0002-0833-6903>. Link para o currículo lattes: <http://lattes.cnpq.br/1625164543906424>.

1 MINHAS ORIGENS

Este é um texto sobre raízes: sobre as minhas tantas raízes e sobre os encontros que nos constituem. Ao ter sido convidada, pela minha amiga e parceira de tantos anos de trabalho, Angela Back, a escrever um texto para a comemoração dos 50 anos do curso de Letras da Unesc, que viria a ser publicado na *Lendu*, prontamente acionei os esquemas de texto acadêmico e supus – foi mais do que suposição, confesso – que o que me estava sendo solicitado era um texto acadêmico. Rapidamente fiz contato com duas estudantes que haviam recentemente, com a minha participação como orientadora e coautora, desenvolvido estudo e reflexão decorrentes da experiência de ensino de língua portuguesa na escola de educação básica. Tendo considerado a proposta adequada ao escopo da revista, lá embarcamos nós na tarefa e submetemos o texto conforme solicitado, acreditava eu. Qual não foi minha surpresa – boa surpresa – quando Angela, um tempo mais tarde, novamente me chamou para dizer que aguardava pelo meu texto. Dizia ela que aguardava o meu texto, de memórias. De súbito, fui tomada por uma miríade de lembranças e, inebriada, fiquei sem saber por onde começar. Vamos, então, partir de um imaginado começo, bastante anterior ao acaso do encontro com as letras do professor Eurico Back... E que indecifráveis l(L)etras!

Tenho dito, desde que decidi me firmar no mundo e por um medo de não pertencimento aos meus, que “sou filha do meu pai”. E é tomada por esta tão precoce consciência da minha origem que me assumo como filha de Letras da Unesc, das letras do professor Eurico sobretudo, mas também das professoras Márcia, Vera, Sandra, Daniela, Tina, Cristina, Marisa, dos professores Nivaldo, Urnau, Edi²... Lembro-me claramente das minhas colegas da nossa tão diminuta, mas bastante integrada e vinculada, turma de graduação. Éramos oito e chegávamos a 10 em alguns semestres. Somos a última turma do Curso de Letras vespertino, ingressante em 1992, concluinte em 1995. A Unesc optou por migrar o curso para o noturno em razão da baixa procura de estudantes, provenientes em sua maioria da classe trabalhadora, por cursos diurnos. Sim, já tínhamos Unesc (então em acompanhamento) e participamos da sua transformação de escola de ensino superior em universidade, sob a coordenação e o árduo trabalho do professor Eurico, único doutor da instituição à época. Sorte tivemos. Tínhamos cinco aulas, muitíssimo bem aproveitadas, de 50 minutos cada, e uma

² Refiro-me aqui, respectivamente, aos professores a quem preferi chamar somente pela maneira como nós nos dirigíamos a eles, porque isso os mantém mais próximos a mim: Eurico Back, Márcia Alves Oselame, Vera Maria Silvestre Cruz, Sandra Maria Steilein, Daniela Lapolli, Maria Cristina Munaretti Monsu, Cristina Herold, Marisa Girão Góes, Nivaldo Aníbal Goulart, Antônio Luiz Urnau e Edi Balod.

DOSSIÊ LETRAS 50 ANOS

universidade quase todinha nossa. Estávamos em sala das 13:40 às 18:00, com um intervalinho de café e papo no bloco E, onde ficava a cantina. Inclusive a administração central estava à nossa disposição. Como era fácil falar com o reitor, com os pró-reitores! Eles nos chamavam pelos nomes, nos recebiam em suas salas. Não tínhamos muito o que dizer, é verdade. Mas éramos chamadas e ouvidas.

Entre no curso de Letras aos 17 anos. Pela força da minha mãe, uma força proveniente dos seus mais profundos desejos, eu estaria na universidade o mais cedo possível. Ela não pôde estudar. Teve de sair da escola para ajudar a cuidar da casa, dos irmãos e das pessoas que eram acolhidas em casa ainda muito pequena, mesmo sendo uma das filhas mais novas da família. A condição de uma mulher nascida no final da década de 40, no interior, em família desprovida de recursos materiais (mas fortemente provida de humanidade e altruísmo), conservadora, criada para cuidar e atender aos outros, dificilmente a permitiria chegar onde estavam seus anseios. Suas características de vida, muita vida, liderança e perspectiva para além do seu tempo e lugar permaneceram. Ela as soube preservar, com muita luta. E dessa característica aqui estou. Aos três anos de idade, disse que queria ir para a escola. Mas as escolas, ou melhor, jardim de infância, como eram chamados, não aceitavam crianças tão novas. Mesmo que aceitassem, meus pais teriam um problema: pagar a mensalidade. Educação infantil pública não havia. Diante de uma criança obstinada, de uma mãe que tinha na educação um meio e um fim e de um pai que sabia fazer um pouco de tudo, eles resolveram a questão, oferecendo às freiras responsáveis pelo jardim uma troca. É verdade que essa troca se constituiria num desvio de regras, mas assim foi feito o acordo: Eelas me aceitariam com idade inferior à autorizada, eu agiria como uma criança bem comportada (fiz o meu melhor e quase sempre consegui, considerando o que era entendido por bom comportamento à época e naquele espaço), e meu pai daria manutenção gratuita ao parquinho do jardim. Eu era só orgulho! Ia para a escola, e ia sozinha!! Meus pais me ensinaram a cruzar toda a praça, atravessar a rua, e lá ia eu, toda formosa e faceira. Eu já ia para a escola, e era o meu pai que cuidava do jardim! Quietinha, no meu tão característico silêncio que me acompanhou por quase todas as minhas cinco décadas nesta vida, eu sentia orgulho...

E é com este sentimento e com alegria que escrevo este texto, que traz a minha perspectiva, mas é permeado de muitas outras vozes e de tantos silêncios. Este texto é sobre origens, memórias e pais, porque são alguns os meus pais e uma a minha mãe, como espero que seja possível inferir ao longo destas linhas que desvelam alguns traços de memórias que se tornaram disponíveis a mim, no momento desta escrita. Todos exerceram papéis que me

DOSSIÊ LETRAS 50 ANOS

constituíram e me transformaram no que sou, especialmente naquilo que diz respeito às memórias aqui trazidas, aquelas que, em alguma medida, têm relação com o curso de Letras da Unesc, que completa os seus 50 anos. Completamos nós, juntos e bastante misturados, os nossos 50 anos.

2 UM CERTO ACASO E A PERMANÊNCIA

Chegar à Fucri – como chamávamos a Unifacri, embrião da Unesc, cujo nome só vim a descobrir quando da escrita deste texto, por meio de consulta ao portal da Unesc – era algo que eu, desde muito cedo, sabia que ia acontecer. Já sobre chegar a Letras, não: foi um certo acaso que me trouxe ao curso. Durante o ensino médio, como ocorre com boa parte de nós, estudantes, muitas carreiras me pareciam possíveis e nenhuma me era desejável a ponto de eu ter relativas certezas que poderiam durar só algumas semanas sobre os caminhos a tomar. Da docência, eu já gostava. Mas como nós nos iniciamos professores bastante antes de decidirmos pela formação acadêmica específica (Tardif, 2014), do alto da minha maturidade de 17 anos, achava eu que a professora estava em mim, mesmo que eu não fosse profissional da área. O que eu queria era estudar, seguir estudando e então trabalhar para oferecer à minha família uma condição financeira mais tranquila e confortável. Aprendi com a mãe que a gente sempre deve estudar durante o dia, nos melhores horários (só mais tarde descobri que o melhor horário é dependente de quem o escolhe). Então, de largada, descartei os cursos noturnos, ainda que alguns professores do Ensino Médio estivessem tentando me convencer a seguir os caminhos que eles seguiram. Algumas eram as opções. Para resolver, eu apliquei o ensinamento da mãe: estudar durante o dia. Havia duas opções: Letras e Pedagogia. Este curso eu sabia que não queria cursar. Eu queria estudar teoria e tinha ouvido falar que as práticas eram o centro da formação em Pedagogia. Certamente, foi um pré-conceito que me afastou deste curso. Mas fez bem. Letras era o lugar onde eu deveria estar. Assim foi.

Que alegria foi a primeira aula do professor Eurico. Não entendi muito, é verdade. Mas, atenta a toda e qualquer informação que eu pudesse capturar, compreendi que estava sendo convidada ao estudo. Aulas densas, exigentes, analíticas, fortemente teóricas (a ênfase aqui é importante), rigorosas, mas também sensíveis e permeadas por narrativas. Ele sempre tinha uma história para contar. Nós embarcávamos nas suas contações e, quando víamos, estávamos mergulhadas em análise linguística. Eu, sinceramente, nem percebia a fronteira entre o que vim descobrir bastante mais tarde ser ficção de um excelente professor para atrair suas alunas e os

DOSSIÊ LETRAS 50 ANOS

estudos linguísticos. Sei de cor algumas dessas narrativas às quais recorro às vezes para contar aos meus alunos. Como há de se notar, muito do professor Eurico está em mim, como professora e pesquisadora. Lembro-me que, ao iniciar o mestrado em Linguística na Universidade Federal de Santa Catarina, alguns professores me perguntavam como eu conseguia fazer aquelas análises linguísticas sem demonstrar maiores dificuldades, se quando perguntada, eu respondia que nunca tinha estudado sintaxe gerativa, semântica formal... Eu achava que não sabia fazer, mas fazia todas as análises. Morfologia também era um exemplo, quando éramos chamados a dissecar conjuntos de palavras de uma língua inventada de modo a inferir regras. Eu me debruçava sobre os dados, as análises saíam, e eu sabia explicar o critério aplicado. Não tenho a menor dúvida de que essa condição me veio das aprendizagens com o professor Eurico, do seu modo rigoroso, teórica e metodologicamente, de fazer ciência, da sua sistematicidade de análise linguística. Nas suas aulas (e também fora dela, como ficará claro mais adiante neste texto), nós analisávamos a língua em níveis, como uma cascata, aplicando critérios previamente definidos. Como ele claramente expressava em suas explicações: não se mudam regras quando o jogo está em curso. Não tenho dúvidas de que, se foi o acaso que me levou a Letras e promoveu o nosso encontro, não foi o acaso que gerou a permanência.

Houve períodos em que o professor Eurico foi afastado da sala de aula pela administração central em razão da intensidade dos trabalhos que transformariam a escola de ensino superior em universidade. Ele estava à frente desse processo. Foi buscado em sua casa, em Forquilha, quando já aposentado pela Universidade Federal do Paraná, justamente para assumir esta função, dada a sua vasta experiência universitária. Ocorre que essa mesma administração não contava que nós pediríamos a volta dele para a sala de aula e que era justamente isso o que ele queria. Tivemos excelentes professoras em sua substituição pelas quais guardo muita consideração e respeito. Mas era ele o nosso mestre, e era com ele, o proponente de um modelo teórico e de uma forma muito particular de fazer ciência, de fazer docência e de formar professores, que tínhamos nossa formação linguística, com base nos seus estudos de décadas para o desenvolvimento da Teoria Construtural, que se constituiu textualmente em uma gramática, publicada, precocemente segundo o próprio autor, em 1972 pela editora FTD.

Lembro-me que, um belo dia, depois de termos sido informadas por ele mesmo que não iríamos ser suas alunas, mas que poderíamos seguir estudando com ele fora de sala de aula, cheguei em casa e falei para a mãe que não queria mais seguir no curso de Letras. A mãe, meio desesperada, conversou com um médico, vizinho nosso – pessoa grande, imensa, que também

DOSSIÊ LETRAS 50 ANOS

teve seu papel em minha formação. Dr. Élcio, a quem faço questão de chamar doutor, que conhecia um dos filhos do professor Eurico, contou para ele, que contou para o pai... A encrenca estava feita. Não bastou a mãe ter recebido um recado e, se a memória não me falha, um telefonema do professor Eurico, eu fui chamada em sua sala, na então diretoria de pesquisa, à frente da qual ele estava. Não foi com um abraço que ele me recebeu. Sisudo, ele me fez explicar que história era aquela que lhe tinha chegado! Eu que me explicasse. Tentei. Faltaram-me argumentos. Saí da sala dele só depois de dar a minha palavra de que nunca mais diria aquilo, de que seguiria estudando, terminaria o curso de Letras e me formaria doutora. E eu lá tinha ideia do que aquilo significava? Por certo que não. Eu não dispunha das chaves, tampouco dos códigos. Mas palavra dada, palavra cumprida. E ela foi cumprida, porque descobri que eu estava onde queria estar. Porque fui ensinada e quis aprender a ler, a escrever, a pesquisar, a ser professora. E o meu curso de Letras tem tudo a ver com isso. Eu era e sou professora. E os estudos do professor Eurico, as aprendizagens, o rigor, a seriedade, a ética, as exigências, me encantaram e atraíram para esse caminho. Lembro-me de que ele me dizia que não estaria presencialmente por perto, quando eu me doutorasse, mas que pediria permissão a São Pedro para abrir uma janelinha e ficar me acompanhando lá de cima...

3 A FORMAÇÃO DE UMA PROFESSORA

Chamo de meu o curso de Letras que cursei somente porque o curso que trago aqui é o das minhas lembranças, é a maneira como o percebo em mim, não em si mesmo. Essa foi a opção neste texto. De um dado momento da graduação que não consigo mais precisar, meu curso não foi apenas vespertino, minhas aulas não se iniciavam às 13:40. Passei a ir à universidade algumas manhãs da semana, a convite do professor Eurico, para com ele estudar Linguística, mas não apenas a sua Linguística. E assim passei muitas das minhas manhãs. O convite me foi feito, porque, para me instigar à escrita, meu professor me disse que eu deveria colocar as dúvidas no papel e entregá-las a ele todo final de aula. Havia dúvidas que eu podia apresentar em sala de aula, mas somente aquelas que dissessem respeito a esclarecimentos pontuais daquilo que estava sendo explicado. Todas as demais dúvidas eu devia tê-las por escrito. Aprender a escrever e ser clara no que eu queria perguntar foi apenas uma das aprendizagens. Perguntas mal feitas tinham como resposta escrita algo como “Não posso ajudá-la com essa questão, porque sua dúvida não está clara. Explique-me mais. Explique-me melhor. Ao buscar esclarecimento de uma dúvida, você precisa...” E aí vinham as explicações sobre

DOSSIÊ LETRAS 50 ANOS

como se expõe uma ideia e como se faz uma pergunta para que o outro compreenda e tenha condições de respondê-la. Mas o aprendizado maior foi a descoberta de que fazer perguntas era uma possibilidade. Éramos instigadas o tempo todo a perguntar sem receio, a levantar hipóteses sobre as análises linguísticas e os fundamentos que, aos poucos, iam se descobrindo à nossa frente. Eu nunca pudera perguntar antes em uma sala de aula. Refiro-me aqui a perguntas de fato. Perguntas de confirmação sempre foram autorizadas. De questionamento, jamais.

Iniciava-se aí um ensinamento epistolar. Passamos a trocar cartas, que se constituíam como bilhetes que nos entregávamos um ao outro algumas vezes na semana. No mesmo papel onde eu explicava a dúvida, eu recebia a explicação como resposta. E assim fizemos por anos. Eu gostava de usar blocos de notas da Câmara Federal de Deputados, que meu tio nos dava. Ele não era deputado, não. Era só mais um trabalhador. Eu me sentia segura com aqueles blocos e os usava para coisas importantes. Eles me vinham de mais um dos meus pais. Guardo em mim esses bilhetes e, na casa dos meus pais, ainda os tenho armazenados. A continuidade das explicações acontecia nos estudos matutinos. Uma das primeiras aprendizagens extraclases a que fui conduzida por ele foi realizada na biblioteca. Levou-me até lá, foi comigo à estante onde ficavam os livros de Letras, me mostrou como eles estavam organizados e dispostos na prateleira e de lá retirou o *Curso de Linguística Geral*, de Saussure. Tendo aprendido a usar a biblioteca, era momento de aprender a estudar. Punha-me ao canto de sua mesa com a tarefa de ler trechos e tentar contar a ele o que eu estava lendo. Disso, vinham orientações e, então, ou eu prosseguia, ou recomeçava o trabalho sobre outras bases e aplicando outras estratégias, que foram aos poucos sendo a mim apresentadas, assim como me foram sendo apresentadas possibilidades de tomadas de nota. À época, fazíamos fichamentos. Lembro-me claramente de suas explicações sobre o *Curso de Linguística Geral*. Lembro-me também de quando fui levada a ler Hjelmslev. Confesso que, se pareci ter entendido, de fato compreendi pouco dos seus *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. Mas que o li, li. Sofri com ele e, motivada pela escrita destas memórias, leio-o novamente agora, três décadas depois. Sentia-me eu tão desafiada, que caí na tentação de reclamar que estava sendo demais pra mim e disse ao professor Eurico que eu era uma só, e não estava dando conta. Calmamente, mas sem ceder um milímetro nem aliviar para o meu lado, ele me respondeu que todo mundo é um só, que esse não era um privilégio meu. Eu deveria seguir estudando, porque eu estava dando conta, e ele sabia disso. Segui. Não li apenas textos teóricos e de fundamentos da Linguística com ele. Li também literatura. Apaixonado que era por Hemingway, pôs-me a ler obras do autor. Criava-se ali uma leitora, uma leitora que estava aprendendo a estudar, a produzir sentidos baseados

DOSSIÊ LETRAS 50 ANOS

na escrita, lançando mão de estratégias que tinham por foco atingir objetivos inicialmente definidos por ele e paulatinamente definidos por mim. Criava-se também ali e no âmbito da sala de aula alguém que escrevia e que começava a ganhar coragem para falar. Nascia ali uma professora, que já se via profissionalmente em tal posição.

Quando eu me olho na busca de quem sou como professora, vejo um pouquinho de cada professor que tive. Com cada um deles, um aprendizado diferente. Se destaco alguns neste texto, é porque desses consigo identificar claramente os traços. É como se eles também tivessem me concebido. Com a Márcia, a Daniela e a Tina, eu lia e fazia os trabalhos em inglês. Fizemos um trato minha amiga conterrânea e eu: só falaríamos inglês uma com a outra. Se isso agora parece um tanto esperado, nas nossas Letras daquele período não era. As aulas eram ministradas apenas parcialmente em inglês; quase tudo era feito em português. Optamos por fazer diferente e fomos acolhidas. Com o Nivaldo (professor de Estudos dos Problemas Brasileiros – sim, na década de 90, essa disciplina ainda existia, infelizmente), professor Urnau (de Latim) e o Edi Balod (que sequer foi nosso professor), aprendi sobre a *performance* que a sala de aula requer, sobre estar no palco e sob os olhares, nem sempre tão atentos, das pessoas que nos acompanham. Fizemos teatro, e foi nessa experiência que eles nos orientaram. Professor Urnau, com a sua atuação como maestro do coral da instituição, nos ensinou a respirar, a usar a voz, a projetá-la, a acertar o tom, o volume. Éramos por ele treinadas, em horários fora de sala de aula, para os teatros que apresentávamos nas Semanas de Letras, anualmente. Foram três peças: “Resistindigeneafro”, “Vida de trabalhador” e “Liberô geral”, esta última com a atuação da Tina nos bastidores, junto dos outros professores. Nivaldo, formado em História, era quem escrevia as peças e nos dirigia. Balod, das Artes, era quem propunha e montava o cenário, o figurino. Ele mesmo nos maquiava, e colocava de pé, no palco. Cristina e Marisa foram nossas professoras de Linguística, na ausência do professor Eurico. Aprendemos muito com elas. Marisa, com a sua humildade, me ensinou que professor deve sempre estar disponível para aprender. Cristina, da experiência de um mestrado em línguas indígenas conturbado, porque o programa de pós-graduação a que ela se vinculava passava por um momento bastante difícil que o levou a ser conduzido por um interventor, nos acompanhou com sua graça e delicadeza. Devo a ela a possibilidade de prestar a prova de seleção ao mestrado na UFSC. Ela foi me buscar na rodoviária, me levou à sua casa, à porta da sala de prova, e à porta me esperava, quando concluí a avaliação. Da Sandra e da Vera, me ficaram as memórias da boa relação entre professor e aluno, das tantas conversas, do acolhimento. Sigo me inspirando em cada um deles na minha prática docente cotidiana, resgato-os continuamente nessa minha forma de fazer

DOSSIÊ LETRAS 50 ANOS

ensino que se modela a cada dia. Ainda hoje, aplico o critério de avaliação por objetivos que professor Eurico fez questão de inserir como possível no Regimento da instituição à época em que era docente. Não a emprego como ele a empregava, é claro. Mas meus alunos sabem que não atribuo nota ao longo do semestre. Avalio-os, mas nunca sem chance de retomadas, de reconversas, de releituras e de reescritas. Avaliação em versão única eu sequer consigo conceber.

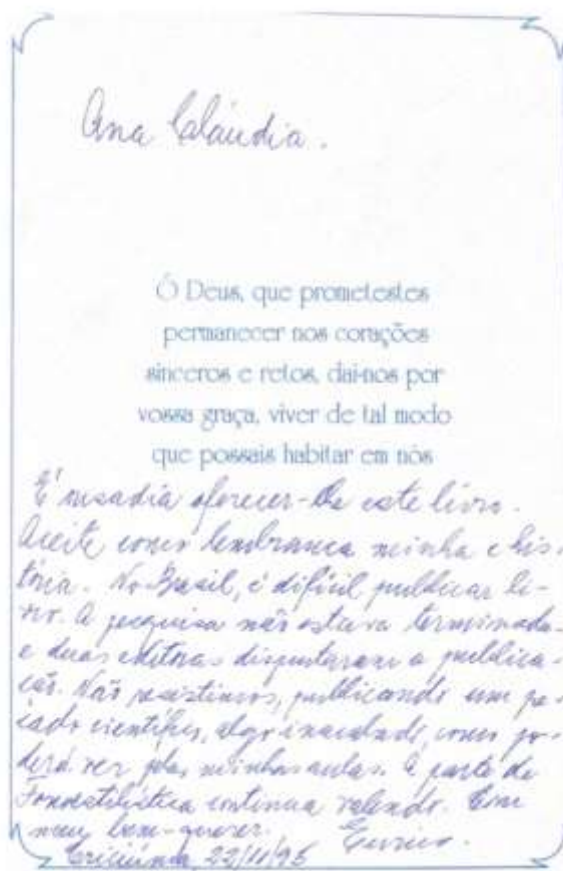
Letras da Unesc me formou para a docência como estudante de graduação e, então, quando eu concluía meu mestrado, me trouxe de volta para outro período de grande aprendizagem: a docência efetiva. Em 1998, eu assumia as aulas das disciplinas de inglês que eram ministradas pela professora Márcia em outros cursos da instituição. Foi dela que me chegou o primeiro convite para ser professora na Unesc, mas não em Letras. Eu tinha estado em sala de aula da educação básica por pouquíssimo tempo, como docente admitida em caráter temporário na escola estadual para substituir, na disciplina de Língua Portuguesa, em turmas de 5ª e 7ª série, uma colega que havia adoecido. Tinha tido experiência com ensino supletivo noturno, em minha cidade, em Língua Portuguesa e Língua Inglesa. Atuei por um ano como professora de cursinho de idioma, em uma escola de franquia, e por seis meses no Ensino Médio de uma escola particular. Essa pequena experiência aconteceu enquanto eu era estudante de graduação. No mestrado, fui bolsista CNPq e não tive atuação profissional. Mas também não me afastei da Unesc, porque tive como meu coorientador, em pesquisa na área da Fonologia, o professor Eurico. Pouco depois de eu iniciar minha preparação para assumir, como docente, as turmas de língua inglesa da minha professora, fui chamada pelo professor Eurico para assumir suas turmas de Língua Portuguesa no Curso de Letras. Essas disciplinas tinham a Linguística como sua base. Compromisso assumido de um lado. Compromisso que eu não podia deixar de assumir de outro. Experiência quase nenhuma. Mas os dois professores que me puseram em sala de aula me prepararam para isso, ajudando, inclusive, com a preparação das minhas próprias aulas por um semestre inteiro. Foram nove anos de docência na Unesc e, neste período, um doutoramento, em Psicolinguística, acompanhado pelo professor Eurico, que ainda leu meu texto de qualificação, tendo partido algumas semanas depois disso... Partiu e seguiu presente.

DOSSIÊ LETRAS 50 ANOS

4 A GRAMÁTICA CONSTRUTURAL DA LÍNGUA PORTUGUESA: ALGUMAS PALAVRAS DO MUITO QUE PRECISA SER DITO

Em uma ordem não cronológica inicio esta seção, já que não foi pela Gramática Construtural da Língua Portuguesa, publicada em 1972, pela editora FTD, sob a assinatura de Eurico Back e Geraldo Mattos – que tinha sido aluno do autor principal, mas de cujo desenvolvimento teórico da proposta não havia participado –, que fui iniciada nos estudos da Construtural. Meu primeiro contato com a obra de 1972 se deu em um evento comemorativo de final de curso, quando celebrávamos com alguns dos nossos professores mais próximos, trocando presentes, em uma brincadeira de amigo secreto. Não éramos muitos, é fato. Mas houve a coincidência de professor Eurico e eu tirarmos o nome um do outro. A ele dei chocolates e um CD de música clássica. Dele ganhei sua gramática, um cartão – que compartilho a seguir – e também chocolates.

Figura 1 – Cartão presente recebido do professor Eurico em novembro 1995



Fonte: Arquivo pessoal.

DOSSIÊ LETRAS 50 ANOS

Talvez não seja difícil ao leitor entender parte do que eu quis dizer quando mencionei as indecifráveis letras do Professor. Referia-me à sua escrita manual, a qual aprendi a decifrar depois de um tempo, lendo-a como se fosse de alta legibilidade. Mas referia-me também ao seu modo de escrever teoria, de expor seus fundamentos e de materializar suas análises, que dificilmente são acessíveis, considerando a base geradora delas, para aqueles que não dispõem das explicações do seu próprio autor. São textos codificados numa linguagem bastante própria e particular, seguindo princípios claros dos quais não se pode desviar. Método e/com fundamento são/é a regra.

Professor Eurico foi instigado a se dedicar aos estudos linguísticos quando ainda jovem, quando fazia seu curso de formação para a docência. Não havia cursos de Linguística no país. Ele fez parte do grupo formado por Mattoso Câmara Júnior e, após isso, percorreu o país formando professores e estudiosos da área. Foi nas aulas de seu professor Rosário Farani Mansur Guérios, de quem ele bastante falava, que a inquietude surgiu. Professor Guérios ministrava suas aulas com base em gramática tradicional, e seguia cada explicação de uma crítica, demonstrando que os conceitos, as análises e as explicações estavam equivocadas. Mas – contava-nos o professor Eurico – que seu mestre dizia não saber como se poderiam explicar os fenômenos linguísticos, que esta era uma tarefa que estava por ser feita pela Linguística no Brasil. Desde então, o professor Eurico se dedicou a buscar uma base epistemológica que pudesse respaldar o desenvolvimento de uma gramática de base de linguística do português do Brasil. Muitas foram as suas incursões. Nenhuma delas parecia-lhe suficientemente satisfatória e válida para respaldar uma análise da língua.

Dessas buscas, surgiu a Linguística Construtural, publicada em 1972, uma abordagem proposta pelo autor, baseada no conjunto de estudos linguísticos que passara anos realizando até alcançar a noção de “construtura”, que está na base da sua proposição e que se caracteriza pelo produto da relação entre estrutura e construção. Para o autor, na análise das relações, a construtura é aquela em que os elementos da forma estão em codependência, ou seja, quando a existência de um implica a existência do outro. O autor enfatiza em seus escritos que seu propósito é a análise da língua em uso e que ele não tem qualquer compromisso com outras correntes teóricas ou terminologias comumente empregadas por outros autores em suas gramáticas.

Em um manuscrito que viria a ser um esboço do prefácio da sua nova gramática construtural – até hoje ainda não publicada, mas por ele nomeada *Nova gramática descritiva*

DOSSIÊ LETRAS 50 ANOS

da língua portuguesa: competência em comunicação, raciocínio, interação social e criatividade – de cuja redação participei, o autor explica os axiomas da teoria Construtural como se referindo ao conceito das relações linguísticas sob o critério da previsibilidade, isto é, pela observação do quão previsível é a existência de um elemento pela existência de outro, sem levar em conta os demais fatores que poderiam interferir nesta relação. Definem-se pela aplicação desse critério três tipos de relação: dependência, codependência e independência. O autor explica sua perspectiva e esclarece as bases da Teoria Construtural, reconhecendo a existência de quatro formas linguísticas, quais sejam: estrutura, construtura, construção por alinhamento e construção por arranjo. Na estrutura, os elementos se relacionam em uma relação de dependência; na construtura, de codependência; por sua vez, nas construções os elementos são, respectivamente, independentes ou interdependentes. Nas palavras dele (manuscrito – arquivo pessoal da autora):

O termo Construtural é devido à relação de codependência, uma vez que, sob a nossa perspectiva, a língua é constituída por uma tríplice construtura:

- a) O sinal, signo linguístico, é gerado por uma codependência entre significante e significado;
- b) O significante surge de uma codependência entre a articulação significativa (tática) e a não significativa (melódica);
- c) E a mensagem emerge de uma codependência entre assunto e objetivo.

Quanto à obra de 72, fui orientada por ele mesmo a não a buscar. A razão: Segundo o professor Eurico, a obra se constituía em um pecado científico, porque não estava suficientemente elaborada para ser entregue ao público-leitor. Ela me foi dada de presente, com um valor sentimental e histórico. Mas, segundo ele, a parte de Fonoestilística manteve seu valor. No mais, tudo revisado, atualizado, aprimorado.

Ciente de que, em algum momento da minha trajetória acadêmica e de vida retornarei aos manuscritos do professor Eurico que a mim foram confiados pouco antes de sua partida, dou seguimento aqui a um movimento que fui incitada a retomar quando, no XV Celsul, realizado na UFPR em 2022, Geraldo Mattos foi o homenageado, e as pesquisas do professor Eurico permearam a conferência de abertura do evento, proferida pelo professor José Borges Neto. Foi a primeira vez, em muitos anos, que consegui falar em um evento sobre a minha experiência e meus aprendizados com essa teoria. Foi a primeira vez que tornei pública a informação de que guardo comigo os manuscritos nunca publicados do autor, aqueles em que ele trabalhou por 21 anos depois da publicação de 1972. Guardo-os por respeito e por compromisso. Professor Eurico trabalhou durante muitas décadas nesses escritos. Ele os queria

DOSSIÊ LETRAS 50 ANOS

claros ao leitor. Ele os queria legíveis não apenas para os especialistas da linguagem, mas também para os professores.

5 AGRADECIMENTOS

Sou grata pela oportunidade de revisitar e elaborar estas memórias por meio da linguagem e pelo encontro que esses escritos geram. Dialogamos com pessoas que nos são próximas, mas com as quais nem sempre trocamos ideias e as quais nem sempre visitamos. Conversar com colegas e poder, em um futuro próximo, ler as memórias de quem também faz parte dessa história, será uma alegria.

Agradeço à universidade e também àqueles que me constituem na origem: minha família, meus professores, meu grande professor e mestre, minhas colegas de turma, com quem mantenho contato nesses 29 anos de formadas, meus alunos, meus colegas e amigos da universidade. Tenho muitos amigos na e da Unesc. Sou grata às minhas parceiras mais próximas de juventude. Não à toa, nosso grupo se chama Letras e Pastel no bloco F. Embora eu não seja do pastel, e o bloco F fosse o das aulas – não o do pastel –, seguimos firmes juntas e cientes do que esse nome a nós significa. Muitos amigos se fizeram, outros se foram nesta longa jornada. Ex-alunos hoje são professores, meus colegas de trabalho e amigos; outros se tornaram orientandos de pós-graduação. Muitos são os amigos que cultivo nesta longa jornada. Obrigada! Talvez agora eu disponha das chaves e as tenha trazido comigo, mas usá-las é um aprendizado constante, e esse aprendizado só se realiza no encontro com o outro e nos desafios que o fazer ciência e o fazer docência nos colocam a cada dia. Obrigada, professor Eurico! Com muito carinho, Ana Cláudia.

REFERÊNCIAS

Back, Eurico. **Nova gramática descritiva da língua portuguesa: competência em comunicação, raciocínio, interação social e criatividade**, 2003. Manuscrito. Arquivo pessoal da autora.

BACK, Eurico. **Gramática Construtural da Língua Portuguesa**. São Paulo: FTD, 1972.

UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE. **Histórico da Unesc**. Disponível em: <https://www.unesc.net/a-unesc/historico>. Acesso em: 2 de dez. 2024.

DOSSIÊ LETRAS 50 ANOS

TARDIF, Maurice. Saberes, tempo e aprendizagem do trabalho no magistério. *In*: TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 17.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014. p. 56-111.